

Lopes propõe plano de renegociação com FMI

O governo brasileiro apresentaria um programa consistente de estabilização, tendo como ponto de partida o Plano Cruzado, o qual receberia a aprovação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird). Seria montado um esquema de monitoramento informal com o Fundo, constante de três avaliações anuais, uma através da vinda de uma missão ao Brasil e as outras duas mediante o envio de missões brasileiras a Washington.

Este é o cenário montado pelo professor Francisco Lopes, um dos "pais" do Cruzado, para um acordo em torno da renegociação da dívida externa, numa visão que ele considera otimista. A proposta do economista consta do último boletim da Macrométrica, uma empresa de consultoria que tem Lopes como o principal acionista.

Depois de considerar a moratória "uma cartada de alto risco", Lopes diz que a análise do quadro conjuntural contempla dois cenários alternativos. O primeiro, otimista, considera uma suspensão temporária dos pagamentos dos juros e um acordo com os credores, em torno do refinanciamento multianual de todo o estoque da dívida.

O segundo, pessimista, considera que a suspensão do pagamento dos juros se prolongará no tempo, iniciando-se um processo de moratória prolongada, preparando-se a economia brasileira para viver durante algum tempo de forma autárquica, gerando sua própria poupança para financiar as importações.

Lopes sustenta que o cenário otimista é o que está nos planos tanto do governo brasileiro como dos bancos credores, "mas não é nada claro que existam condições objetivas pa-



"Cartada de alto risco"

ra viabilizar o necessário entendimento entre as partes". O lado brasileiro quer uma negociação multianual que preserve o crescimento sustentado da economia e não exija o monitoramento do FMI, enquanto os bancos credores acham que não seria problema liberar US\$ 4,0 bilhões a US\$ 5,0 bilhões de novos empréstimos, desde que houvesse um plano

econômico e este merecesse a aprovação do Fundo.

Esse impasse, que Lopes considera aparentemente insolúvel, somente seria quebrado com uma transigência de parte a parte, envolvendo, do lado brasileiro, a apresentação de um plano ao FMI e ao Banco Mundial mesmo sem o monitoramento clássico, e do lado dos bancos uma negociação que garantisse a abertura de um espaço para o crescimento da economia.

Na alternativa pessimista descrita pelo professor Francisco Lopes, ou seja, a manutenção, por um largo período de tempo, da suspensão do pagamento dos juros aos bancos credores, estes não retaliarão ostensivamente, porém "à medida que tentativas sucessivas de negociação vão-se frustrando, o País vai sendo lentamente asfixiado, com o corte das linhas de crédito comercial e a perda de acesso a dinheiro novo mesmo em organismos internacionais como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento".

Acha Lopes que, deixando de pagar permanentemente os juros da dívida externa, o País teria uma redução de US\$ 6,0 bilhões anuais com dispêndio em moeda estrangeira.